

Terra da garoa e da ciência

A “terra da garoa” ganhou loas em seu aniversário. Nem sequer a “poesia concreta de suas esquinas” foi esquecida. No entanto, quem se lembrou de celebrar a “terra da ciência”? A cidade de São Paulo, em 2001, ganhou da ONU o status de Centro Mundial de Inovação Tecnológica e, historicamente, tomou a dianteira nacional na implementação de uma política de ciência e tecnologia num país em que a elite via ações desse tipo como perda de tempo. Mas, já no espírito do “avesso do avesso”, São Paulo, crescendo em passos acelerados por causa da prosperidade cafeeira, compreendeu a necessidade de se colocar ao passo da revolução técnico-científica que ocorria no Primeiro Mundo.

De início, os institutos de pesquisa que surgiram na metrópole incipiente destinavam-se a resolver problemas práticos do capitalismo paulistano, em especial, a agricultura, a saúde e a engenharia. A elite cada vez mais endinheirada de São Paulo podia se dar ao luxo dessas experiências e, a partir da notável instalação da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, responsável pela expansão e renovação de uma cidade então em franca decadência, esse grupo pôde ver com seus olhos como o conhecimento também gerava progresso material. Daí, o nascimento da Escola Politécnica, criada em 1893, pelo engenheiro Antônio Francisco de Paula Souza; do Instituto Adolfo Lutz (na época, o Laboratório Bacteriológico), em 1899; o Instituto Butantan, também de 1899; o Instituto Biológico, de 1927, um dos casos mais bem-sucedidos

da associação entre pesquisa e necessidades práticas; entre outros.

Mesmo o surto da industrialização dos anos 1920 e 1930, que previa apenas uma política de substituição de importações (logo, sem criação de tecnologia), não arrefeceu o ânimo paulistano. Em 1934, acreditando que era preciso preparar sua elite para a nova revolução e para a modernidade, foi fundada a Universidade de São Paulo, uma cartada inteligente da cidade para manter sua hegemonia, apostando na ciência e na cultura. Teve papel central nessa criação a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) que, anos mais tarde, na rua Maria Antônia, durante a ditadura militar, transformou-se em símbolo da resistência contra o autoritarismo. Não foi também por acaso que, no mesmo ano, a cidade foi escolhida

para abrigar o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT).

A ideologia da metrópole invadiu o estado: em 1947, a Constituição Estadual destina 0,5% da arrecadação para amparo à pesquisa. Esse passo realizou o sonho da comunidade científica paulista que ganhou a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), poucos anos após ter participado do esforço pela criação do então Conselho Nacional de Pesquisas, atual Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 1951. A “terra da garoa” se convertia na “terra da ciência”. O ensaio fotográfico que você verá nesta e nas próximas páginas deseja justamente homenagear a beleza dessa luta, infelizmente algo esquecida nas celebrações dos 450 anos de São Paulo. Justiça seja feita.

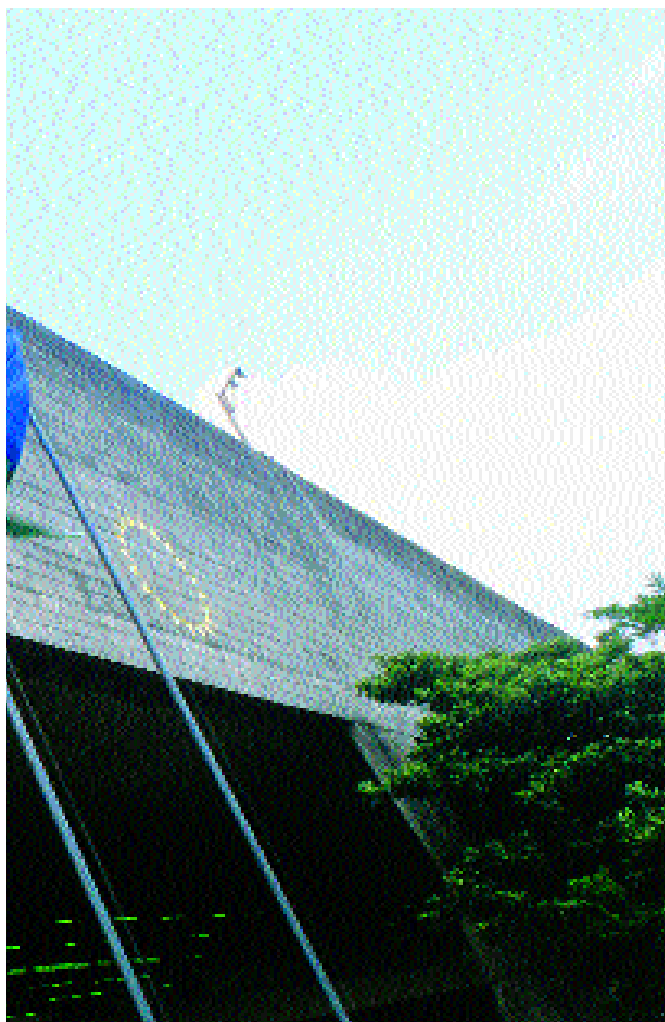
**Campus da
Cidade
Universitária**



Faculdade de
Arquitetura
e Urbanismo
(FAU-USP)



Sino e escadarias
da torre da praça
do Relógio,
Cidade Universitária



**Centro Universitário
Maria Antônia**



**Instituto
Butantan,
na USP**



Instituto Biológico

**Pontifícia
Universidade
Católica**



Faculdade de
Direito do Largo de
São Francisco